



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS – ARTES E MEDIAÇÃO
CULTURAL**

**PARADOXO DA VIDA NUA:
ENSAIO PARA A DESCONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO NA
FOTOPERFORMANCE**

DAIANE LÁZARA PRADO

Foz de Iguaçu
Ano 2017

**INSTITUTO LATINOAMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS – ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL

PARADOXO DA VIDA NUA:
ENSAIO PARA A DESCONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO NA
FOTOPERFORMANCE

DAIANE LÁZARA PRADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras - Artes e Mediação Cultural.

Orientadora: Prof. Dra. Gabriela Canale Miola
Coorientadora: Prof. Dra. Helena de Oliveira Schuck

Foz de Iguaçu
Ano 2017

DAIANE LÁZARA PRADO

PARADOXO DA VIDA NUA:
ENSAIO PARA A DESCONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO
NA FOTOPERFORMANCE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras - Artes e Mediação Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Gabriela Canale Miola
UNILA

Coorientadora: Prof. Dra. Helena de Oliveira Schuck
UNILA

Prof. Dra. Diana Araujo Pereira
UNILA (ILAACH)

Foz de Iguaçu, 14 de dezembro de 2017

PRADO, Lázara, Daiane. **Paradoxo da Vida Nua:** Ensaio para a desconstrução do corpo feminino na Fotoperformance. Ano 2017. Número de páginas: 54. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Artes e Mediação Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz de Iguaçu, ano 2017.

RESUMO

Este trabalho de carácter autobiográfico em fotoperformance, pretende suscitar reflexões acerca do conceito “feminino”, partindo do meu corpo como um espaço simbólico, onde se inscreve a problemática social de gênero. Os motivos que me levaram a conceber este trabalho como um meio capaz de refletir tais inquietações, surgem da necessidade de me entender enquanto sujeito em conflito com o mundo. A presente monografia consiste em um memorial descritivo do processo de criação na qual apresento uma série de trinta fotografias realizadas no período de dois meses, aproximadamente. As imagens do meu corpo desnudado partem da interação com o ambiente e pretendem criar um diálogo com os teóricos Michel Foucault y Judith Butler para pensar criticamente o sistema de poder fundado na racionalização da sexualidade a partir da modernidade. Espero que na escrita desse trabalho artístico, de cunho pessoal, possam ser evidenciadas essas reflexões suscitadas no processo de criação.

Palavras-Chaves: feminino, sexualidade, corpo, identidade de gênero, fotoperformance.

PRADO, Lázara, Daiane. **Paradoja de la Vida Desnuda**: Ensayo para la deconstrucción del cuerpo femenino en la Fotoperformance. Año 2017. Número de páginas: 54. Trabajo de Conclusión de Carrera (Graduación en Letras – Artes y Mediación Cultural) – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz de Iguazú, año 2017.

RESUMEN

Este trabajo, de carácter autobiográfico, realizado a través de Fotoperformance, pretende suscitar reflexiones acerca del concepto de lo “femenino” partiendo de mi cuerpo como un espacio simbólico, donde se inscribe la problemática social de género. Los motivos que me llevaron a concebir este trabajo como un medio capaz de reflejar tales inquietudes, surgen de la necesidad de entenderme en cuanto sujeto en conflicto con el mundo. La presente disertación consiste en un memorial descriptivo del proceso de creación, en el cual se presentan treinta imágenes realizadas en el período de dos meses, aproximadamente. Las imágenes de mi cuerpo desnudado parten de la interacción con el ambiente, y pretenden generar un diálogo con los teóricos Michel Foucault y Judith Butler para pensar críticamente, el sistema de poder, fundado en la racionalización de la sexualidad a partir de la modernidad. Espero que, en la narrativa de este trabajo artístico, de índole personal, puedan ser evidenciadas esas reflexiones suscitadas durante el proceso de creación.

Palabras-Claves: femenino, sexualidad, cuerpo, identidad de género, fotoperformance.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Do fio ao concreto I.....	12
Fotografia 2 – Do fio ao concreto II.....	13
Fotografia 3 – Do fio ao concreto III.....	14
Fotografia 4 – Do fio ao concreto IV.....	15
Fotografia 5 – A terra e o corpo em construção I.....	23
Fotografia 6 – A terra e o corpo em construção II.....	24
Fotografia 7 – A terra e o corpo em construção III.....	25
Fotografia 8 – A terra e o corpo em construção IV.....	26
Fotografia 9 – A terra e o corpo em construção V.....	27
Fotografia 10 – Entre nós I	30
Fotografia 11 – Entre nós II	31
Fotografia 12 – Entre nós III	32
Fotografia 13 – Entre nós IV	33
Fotografia 14 – Entre nós V	34
Fotografia 15 – Entre nós VI	35
Fotografia 16 – Entre nós VII	36
Fotografia 17 – Entre nós VIII	37
Fotografia 18 – Entre nós IX	38
Fotografia 19 – Entre nós X	39
Fotografia 20 – Entre nós XI.....	40
Fotografia 21 – Corpoformação I	42
Fotografia 22 – Corpoformação II.....	43
Fotografia 23 – Corpoformação III	44
Fotografia 24 – Corpoformação IV	45

Fotografia 25 – Corpoformação V.....	46
Fotografia 26 –Corpoformação VI.....	47
Fotografia 27 – Contemplação I	49
Fotografia 28 – Contemplação II.	50
Fotografia 29 – Contemplação III	51
Fotografia 30 – Contemplação IV.....	52

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. MEMORIAL DESCRITIVO.....	10
1.1. Do fio ao concreto	16
1.2. O corpo e terra em construção	28
1.3. Entre nós	41
1.4. Corpoformação	48
1.5. Contemplação	49
2. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
3. REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO:

Este trabalho de caráter autobiográfico em fotoperformance, pretende suscitar reflexões acerca do conceito feminino partindo do meu corpo como espaço simbólico no qual inscreve a problemática de gênero. As questões que me levaram a conceber a Fotoperformance enquanto estratégia capaz de refletir tais inquietações partiram da necessidade de me entender enquanto sujeito em relação ao mundo.

Apresento este trabalho no formato de memorial descritivo do processo de criação no qual descrevo o desenvolvimento das imagens do meu corpo desnudado em interação com o ambiente. Entendo que meu corpo é uma extensão dos espaços que ocupo, pois, se constroem mutuamente em uma relação sistêmica de significação. A partir dessa leitura pretendo criar um diálogo com os teóricos Michel Foucault y Judith Butler para pensar criticamente o corpo feminino nesse sistema que também se constrói como poder.

As reflexões desenvolvidas tanto a partir das leituras dos teóricos supracitados quanto na realização artística da fotoperformance pretendem dar, conta de evidenciar como os discursos acerca do sexo na sociedade ocidental moderna se estruturam e operam em um sistema binário que compreende desde a construção do feminino até a minha própria identidade em relação com o mundo. Neste sentido, apresento meu processo criativo que pretende a reflexão do meu corpo enquanto objeto implicado nessa conjuntura social para a condição de sujeito que o reivindica.

1. MEMORIAL DESCRITIVO

Para iniciar o trabalho, partirei da minha experiência no processo de criação da Fotoperformance, intitulada *Paradoxo da vida nua*. Nessa série de fotografias autobiográficas pretendo suscitar debates acerca do conceito feminino partindo do meu corpo como espaço simbólico que inscreve a problemática de gênero construída por excelência desde uma perspectiva masculina. Questões que me levaram a conceber a Fotoperformance, enquanto meio de refletir tais inquietações partiram da necessidade de me entender enquanto sujeito em relação ao mundo construído por um sistema patriarcal.

O corpo feminino é um espaço simbólico que estabelece um conjunto de códigos sociais, assim neste trabalho propus algumas reflexões que pretende repensar a simbologia do conceito de gênero, primeiramente entendendo tanto o corpo como os ambientes que ocupamos como um espaço condicionado por normas e constituído de discursos que se relacionam e constroem mutuamente.

Através dessa representação que não pretende se fechar em interpretações pré-determinadas, busquei formas de me retratar que além de abarcar o nível pessoal é também político, pois, toca questões de gênero e problematiza a objetificação do feminino, bem como uma discussão acadêmica no que condiz o propósito fundacional deste ensaio. O processo de criação se deu em aproximadamente três meses e apesar de ser um trabalho realizado para a conclusão de minha graduação, tem um caráter artístico e ensaístico que transcende e problematiza a forma academicista.

Durante o processo busquei inspiração em diversos campos das artes para a criação, além do aporte teórico. Um dos principais nomes que utilizei no campo da Fotoperformance, foi Ana Mendieta que além de performer é também escultora, pintora e videoartista. Nascida em Havana, aos 14 anos foi enviada aos Estados Unidos juntamente com a irmã por questões políticas ligada a família, sua trajetória na arte neste sentido, foi marcada pelo feminismo e pela imigração, sendo ela mulher e latino-americana vivendo em país estrangeiro. Fatores estes, que me levaram a se identificar com seu trabalho, constituindo grande relevância para minha criação autobiográfica.

Outras artistas da fotoperformance que foram importantes para meu processo foram, Cindy Sherman, Francesca Woodman, que exploraram o autorretrato, além de Claude

Cahun e Nan Goldin, artistas que de formas diferentes discutem a problemática de gênero e identitária na sociedade ocidental.

Experiências sonoras também teve grande relevância e marcaram o processo de criação, principalmente nas semanas que antecederam a parte prática do projeto. Momentos de crises de angustias e medo, me faziam buscar conforto em lugares isolados que permitiam o contato com a natureza e possibilidades de conectar com meu interior, sendo que artistas como Pink Floyd e Raul Seixas, me propiciavam uma forma de tranquilidade nestes momentos, me ajudando a fazer reflexões sobre o processo que dava os primeiros passos.

Algumas semanas foram necessárias para traçar o caminho que meu trabalho deveria seguir, pois anteriormente estava definido apenas a minha vontade de abordar meu corpo, minha vida e trajetória enquanto mulher, apoiados em longas leituras que havia feito sobre Michel Foucault e Judith Butler. Assim, buscando formas de me autorretratar e possíveis lugares surgiram as primeiras fotografias, apresentadas neste memorial descritivo que foram tomando forma na medida em que eram realizadas as experimentações.



Fotografia 1: Do fio ao concreto I



Fotografia 2: Do fio ao concreto II



Fotografia 3: Do fio ao concreto III



Fotografia 4: Do fio ao concreto IV

1.1. Do fio ao concreto

As primeiras fotografias aconteceram em meu quarto como forma de experimento, dado ao estado ainda prematuro do processo que suscitava níveis distintos de dificuldades, tais como, encontrar espaços e buscar possíveis maneiras de manejar a câmera sem a necessidade de ajuda externa. A ideia que seguiu consistia em enrolar meu corpo inteiro em um carretel de fio nylon e no percorrer desse emaranhar com a câmera apoiada sobre a cama, me sentei nua no chão contra a parede do quarto. A cada movimento para programar a função automática da câmera, aumentava a sensação de desconforto gerada pelo fio que, ao apertar e penetrar a pele, limitava minhas possibilidades de movimento.

Durante uns 15 minutos aproximados, continuo a me fotografar imaginando como esse movimento, metaforicamente representava um diálogo da minha vida com tantas outras mulheres. Como resultado, começo a sentir dificuldade em respirar, abrir o olho ou fazer qualquer movimento sem sentir a pele friccionada, ferida ou como se fosse de fato se cortar. A reação frente a sensações um tanto confusas que tive, foi chorar e puxar os fios na tentativa de escapar, no entanto, essa experiência que vinha carregada de mágoa e sensação de impotência traduziam-se também na liberdade em negá-las e compreender meu corpo correlacionado à construção de um corpo feminino que também é coletivo.

Alternadas reações de inquietação e reflexão fizeram desse processo um momento significativo nas primeiras expressões da minha criação. O que simbolicamente apresentava um ambiente de aprisionamento e um ato repressivo, se convertia em liberdade, ora, logo pensei na relação ambígua entre as paredes de concreto que escondia e vestia meu corpo nu e a fotografia que me desnudava.

Da representação do meu corpo nu, para a escolha do ambiente, percebo a intrínseca relação entre o corpo individual e o corpo social, em uma espécie de extensão simbólica com o ambiente, uma vez que nesse meio são inscritos o conjunto de regras e normas que mediam o individual com relação ao mundo e com a sociedade.

Michel Foucault traz uma perspectiva interessante no âmbito dessa discussão em sua obra, *História da sexualidade I – A vontade de saber* (1988). A sociedade moderna é vista como uma época de substituição do sistema feudal para o modo de produção capitalista. Esse processo exige a reconfiguração na estrutura de poder para adequar à nova ordem do sistema econômico. A sexualidade neste sentido, é posta de forma repressiva visando regulamentar os

corpos através de disciplinas e aumentar o controle do estado sobre a população, utilizando-se para isso, de discursos que produzem uma sexualidade economicamente útil.

Em um trecho o autor esclarece:

[...] no espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. (FOUCAULT, 1988, p.09)

O que Foucault irá questionar, contudo, ao formular a “Hipótese repressiva”, são as artimanhas no próprio entendimento da repressão do sexo, desvelando uma série de contradições na modernidade. É como se ao pressupor o sexo reprimido se conjurasse ao mesmo tempo um desejo de libertar-se frente a essa forma de poder excessivamente castradora ou o simples fato de falar sobre o sexo concedesse ao indivíduo uma forma de subversão às normas, colocando fora desse sistema de poder.

Não que o sexo não seja reprimido, mas o autor nos chama a atenção para os riscos no interior do próprio discurso, que afirma o exercício de repressão, pois, no ato de coibir a sexualidade dos indivíduos, é gerado também um discurso transgressor, quer dizer, através do próprio mecanismo repressor se alimenta um contra discurso de liberdade que se projeta frente a esta realidade. Esses discursos que se chocam e contrapõem, metaforicamente são dois lados de uma mesma moeda ou melhor dizendo, partes constitutivas implicadas na relação “poder-saber”.

Dito por suas palavras:

É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. (FOUCAULT, 1988, p.17)

E acrescenta em seguida:

Todos esses elementos negativos — proibições, recusas, censuras, negações — que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso. (FOUCAULT, 1988, p.17)

Esse sistema onde se organiza o discurso repressor, não tem por função proibir ou controlar totalmente o sexo, mas bem, consiste em uma espécie de regulamentação da sexualidade, determinando as maneiras de seu uso e quem detém o poder discursivo sobre ele. Neste sentido que Foucault nos fala de uma incitação ao discurso do sexo ou a “vontade de saber”:

Mas, por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais. (FOUCAUL, 1988, p.26)

Com isso, Foucault está nos indicando uma produção de verdade no interior dos discursos sobre o sexo, que não diz respeito somente ao uso do corpo, mas também sobre os próprios pensamentos, desejos e sonhos de cada indivíduo. Mais do que um interesse religioso, como anterior ao século XVII, o sexo agora passa a ter um interesse público e é neste sentido que vai precisar ser analisado, contabilizado, classificado e especificado, pois, na medida que se vincula o poder ao saber, mais que um discurso de ordem moral será produzido um discurso racional sobre a sexualidade.

Por meio de sua racionalização, o sexo vem a ser então, administrado com a finalidade de verificar sua utilidade. A sexualidade é posta como um problema de controle da população, precisando um regime eficiente de regulação dos corpos condizente com a nova economia de poder. Para isso, era preciso, determinar um conjunto de verdades sobre a sexualidade atrelando-a aos mecanismos do poder estatal, para que de fato, esse controle se desse de forma satisfatória.

Foucault nos impele a pensar como os mecanismos de produção de saberes e poderes se voltam para o controle da sexualidade. Neste ponto, a repressão deve ser vista como efeito e instrumento desse sistema, que tem como função, incitar a “vontade de saber”, isto é, levar o indivíduo a busca de uma verdade sobre o sexo, que mascara a estrutura de poder em uma mecânica que alimenta seu próprio funcionamento.

Por fim, esse poder não se identifica em dado ponto de um exercício de dominação, mas sim, a partir de múltiplos aspectos em uma espécie de continua reafirmação de normas verificadas nas relações entre os indivíduos. Esse sistema, contudo, organiza-se em um conjunto de táticas e dispositivos a fim de produzir uma uniformidade e homogeneidade nos

discursos. O resultado é uma rede de poder que atravessa os espaços, sujeitos e discursos, de modo que nada pode existir fora dele.

Essa perspectiva dialoga com a teoria proposta por Judith Butler em seu livro *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade* (2003). Ambos os teóricos pós-estruturalistas, propõem entender o sexo como produto de uma construção social, onde estabelecem a naturalização de discursos e práticas, que direcionam a sociedade à uma leitura empírica do mundo.

Butler, entretanto, situa seus estudos à problemática de gênero, concebendo dois conceitos chaves para denunciar a heteronormatividade como discurso elementar na construção binária, masculino e feminino, a saber: “Interpelação” e “Performatividade”. O gênero é visto como conceito legitimador desse fenômeno que funciona como uma ordem compulsória na sociedade, dado ao fato que inscreve o sexo fora do campo social, ou seja, em um discurso cuja estrutura é dada empiricamente e, portanto, inquestionável.

Neste sentido, declara-se que:

[...] na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas. Essa produção do sexo como pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos por *gênero*. [...] (BUTLER, 2003, p.25-26)

As consequências dessa ordem compulsória exigem uma coerência entre o sexo, gênero e desejo, condicionando os sujeitos sobre uma lógica estritamente heterossexual. Em outros termos, a criança ainda no ventre da mãe, já tem determinado seu gênero de acordo com o descobrimento de seu sexo, ao passo que também tem condicionado seu desejo. A essa ordem Butler chama de Interpelação, e pode-se perceber a influência da ciência da sexualidade proposta por Foucault, a exemplo, podemos citar a técnica da medicina como discurso que circunscreve a criança antes mesmo de seu nascimento, sob os parâmetros binários de gênero masculino e feminino.

Fica evidente a relação de poderes e saberes no que Foucault apontou como o surgimento de uma *scientia sexualis*, não somente caracterizada na medicina como também na família, escolas, igrejas entre outras instituições sociais que interpelam os indivíduos a incorporar tais discursos. A heteronormatividade, portanto, passa a ser naturalizada desde repetitivos discursos e práticas, que confere ao sistema binário, um valor legítimo de verdade.

A esse sentido de produção de verdade do sexo, Butler nos diz que:

A noção de que pode haver uma “verdade” do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes. A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino” em que estes são compreendidos como atributos de macho e fêmea [...] (BUTLER, 2003, p. 38-39)

A relação entre o corpo e o sexo e os modos como são definidos socialmente, portanto, partem de discursos que só podem se estruturar e organizar enquanto heteronormatividade, segundo relações opostas e assimétricas. Assim, Butler explica que mesmo quando não nos sujeitamos ao conjunto de regras e condutas, ainda assim, estamos em função das interpelações sociais, sejam no âmbito do discurso que aceita a heteronormatividade ou não, pois, somos atravessados por um discurso de poder, que não permite a produção de saberes, se não desde seu interior, recordando mais uma vez a história da sexualidade.

Assim, concebemos nossa identidade a partir de uma relação dialética, em que a concepção de si mesmo sempre está em relação a outro (s). A construção identitária por meio da interpelação social, portanto, determina a performatividade de gênero, ou seja, consiste nas maneiras como reagimos frente a essa interpelação, cumprindo um gênero masculino ou feminino. Com isso Butler pretende evidenciar que essa identidade performativa de gênero não faz parte de uma ordem biológica ou natural, mas bem, se refere a uma construção discursiva que, portanto, desloca o gênero, identidade e sexo para o entendimento da construção social.

Podemos notar, por conseguinte, o potencial subversivo de sua teoria, pois, ao deslocar gênero, sexo e identidade de categorias que pressupõe uma verdade incontestável para construções sociais, tornam-se possíveis a desconstrução dos mesmos para uma superação da heteronormatividade, como única forma de conceber a identidade, nas formas binárias, masculino e feminino. Mover o feminismo do campo do humanismo, como prática que pressupõe uma identidade fixa em silogismos políticos, compreende novas formas de concepção para uma identidade que fique aberta à pluralidade.

Em certa medida, a teoria de Butler parece negar Foucault que concebe a produção de todo discurso abaixo das estruturas de poder de forma quase que insuperáveis, no entanto, a pesquisa Foucaultiana, ao desvelar a problemática em torno das construções da sexualidade, conseqüentemente promove a desnaturalização dessas categorias anteriormente não contestadas, abrindo a possibilidade de superar tais paradigmas.

E é partindo desse pressuposto que Butler situa sua pesquisa, pois, não se trata de discursos que se sejam capazes de projetar-se para fora do sistema de poder-saber que tão

bem analisou a teoria Foucaultiana, mas fazendo o caminho inverso, ou seja, o da desnaturalização desses discursos desde o interior do próprio regime poder-saber como forma possível de superação.

Dada a discussão sobre de que maneira se articulam as práticas e discursos na construção dos indivíduos e no que tenciona a pesquisa, a construção do feminino, pretendo fazer o movimento que parte da macroestrutura concernente ao diálogo dos teóricos que pensam a sociedade, para a microestrutura, ou seja, para minha vida enquanto mulher e artista no exercício de refletir e desnaturalizar tais paradigmas, portanto, apresentarei meus próximos passos para o trabalho da Fotoperformance, dando continuidade as séries fotográficas e ao diálogo entre essas instâncias.

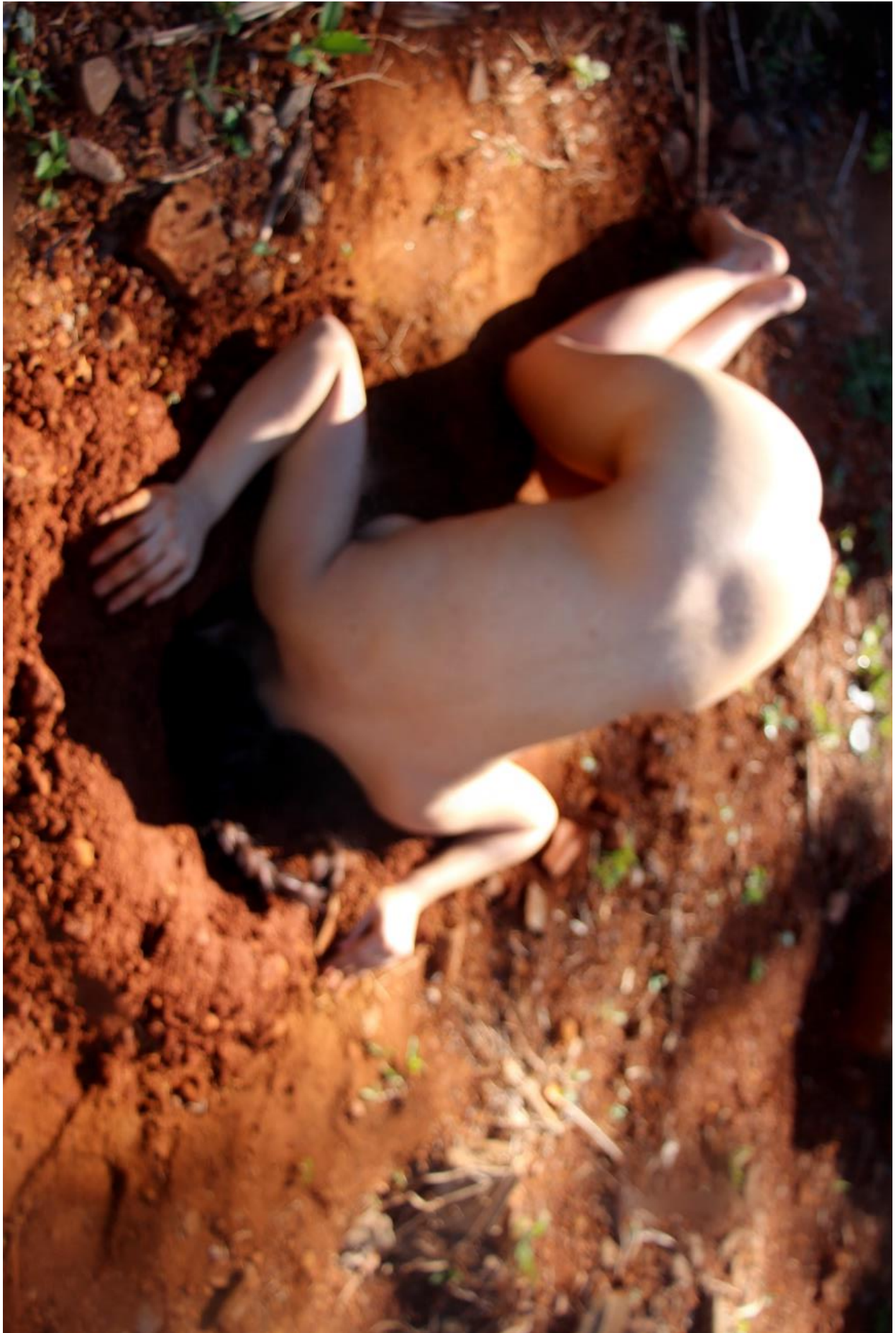
A escolha do espaço frente ao anseio de me fotografar em contato com a natureza, por fim, se deu pela intimidade e o sentido de acolhimento que o campus da Universidade Federal Latino-Americana representou para a criação da Fotoperformance. Espaço esse não permitido fora da universidade, pois, questões correlatas ao sistema de poder, como restrição, controle e punição constituíram aspectos que pude verificar na prática em lugares que pretendia me fotografar¹.

Outro fator que envolve tais questões, foi a escolha em conceber a Fotoperformance como projeto de conclusão de curso (Letras- Artes e Mediação Cultural), bem como as dificuldades encontradas no decorrer do processo em distintos níveis de sua concepção. A exemplo disso, parece-me interessante citar, a própria estrutura do trabalho artístico que escapa ao formato academicista, tornando o processo da escrita difícil se não limitante, no marco da dimensão estética que abarca a linguagem visual.

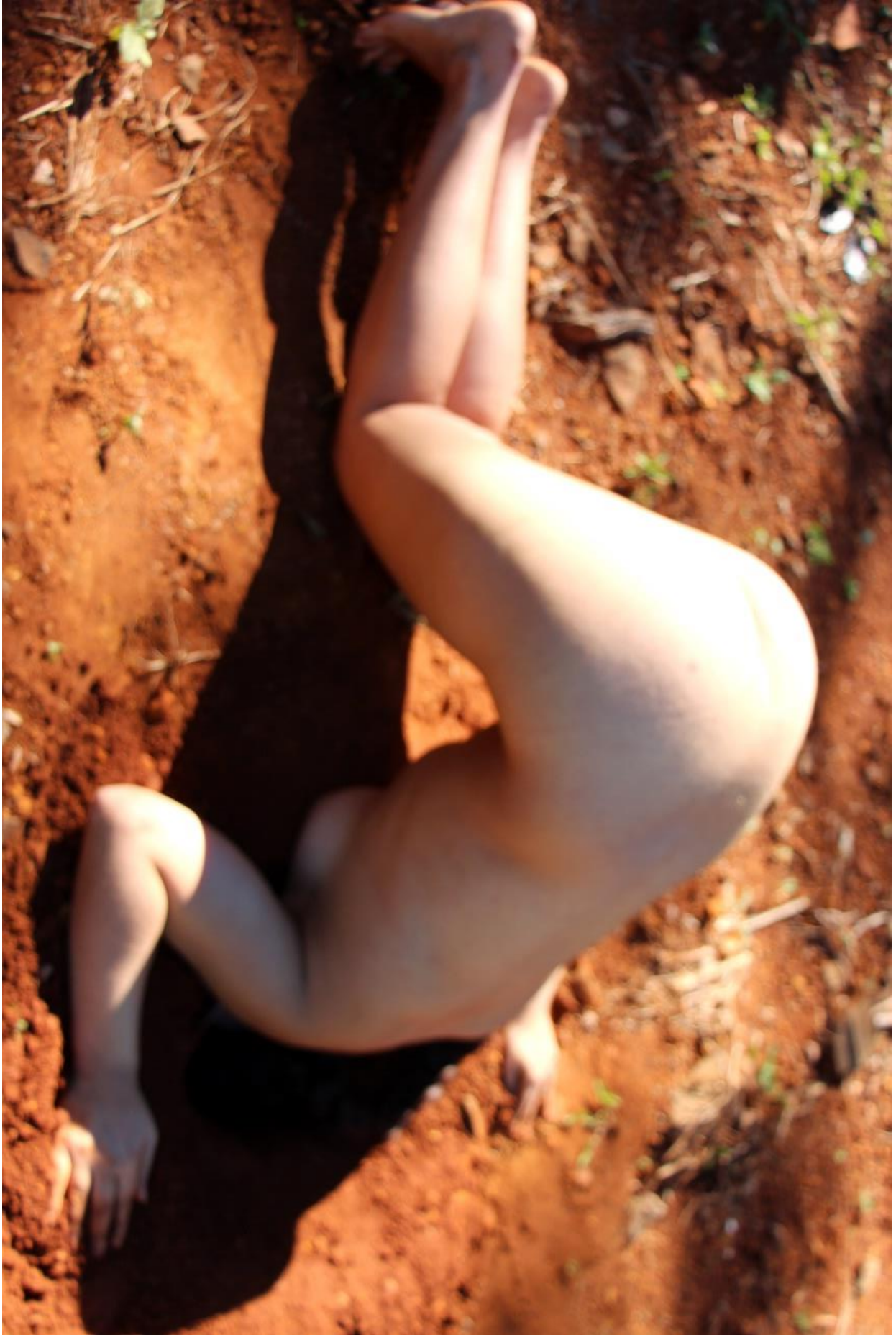
Por outro lado, é interessante pensar a relação entre a escolha do ambiente, as dificuldades que representou a Fotoperformance e os processos que envolvem a significância do trabalho para minha individualidade, pois, partindo desses paradigmas gerados no interior da própria academia, isto é, instituição que delimita as formas de produção de conhecimento sobre normas reguladoras, é também o que me proporcionou o deslocamento necessário para a tomada de consciência desses processos.

¹ Tentei me fotografar em uma região próxima de casa que divisava um sítio e fui abordada e coibida por pessoas que falavam dos perigos de ficar nua em espaços públicos e boas condutas da “mulher” em sociedade. Essa experiência, me fez desconsiderar outros possíveis lugares para a Fotoperformance como a região do Marco das três fronteiras.

Tais questões constitutivas do processo de criação da Fotoperformance, me levaram a outras dificuldades como a necessidade de formar uma equipe para as tentativas que seguiam e o confronto que implicou me despir em um ambiente público, processo este que resultou mais complexo que de início eu poderia pressupor, pois, entre outros aspectos este suscitou o título dado ao trabalho: *Paradoxo da vida nua*.



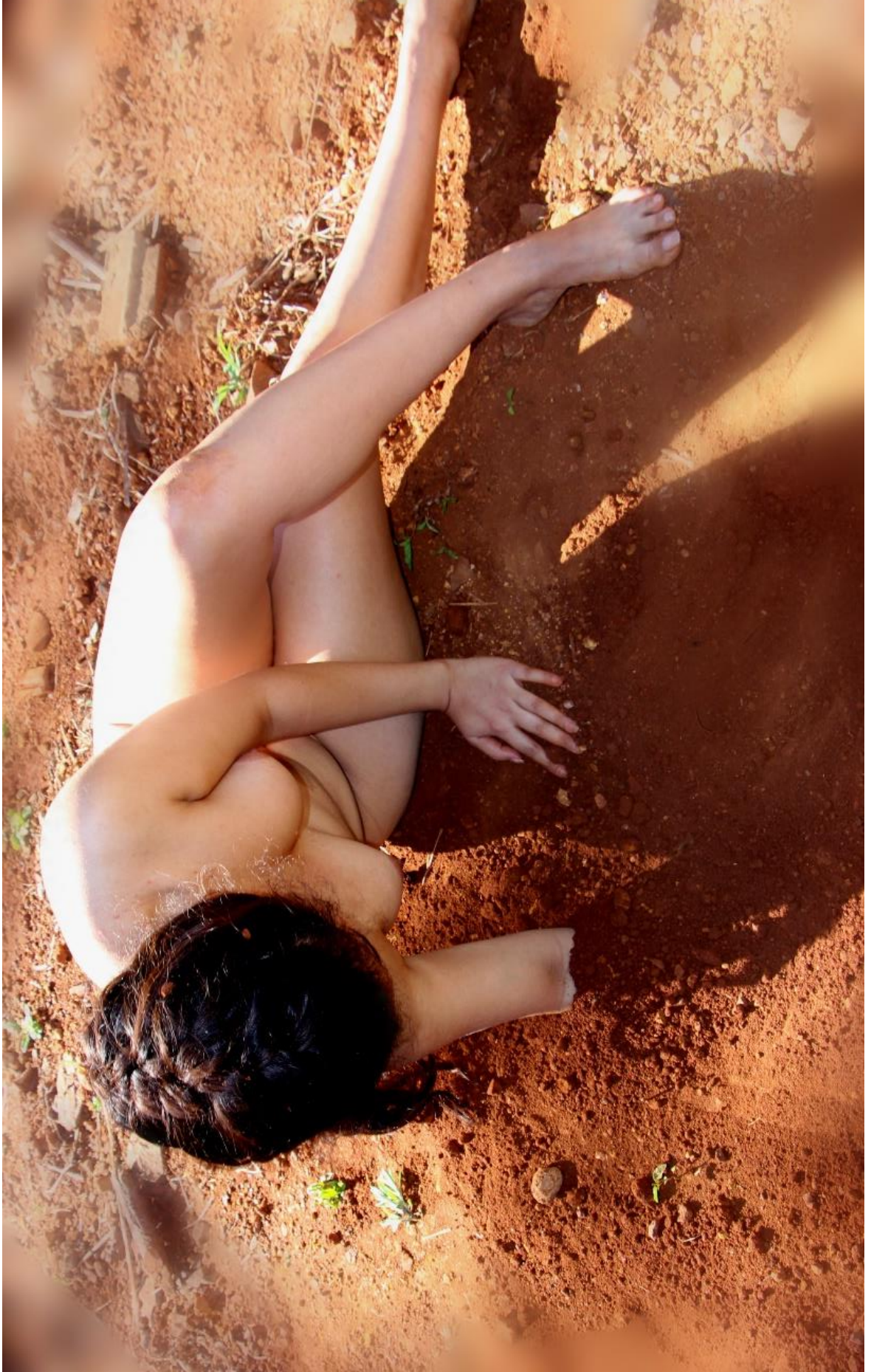
Fotografia 5: A terra e o corpo em construção I



Fotografia 6: A terra e o corpo em construção II



Fotografia 7: A terra e o corpo em construção III



Fotografia.8: A terra e o corpo em construção IV



Fotografia 9: A terra e o corpo em construção V

1.2. A terra e o corpo em construção

Pensar a arte como instrumento que me permitiu questionar os paradoxos correlacionados ao meu corpo, espaço e sociedade, me levou a refletir questões existenciais em uma conexão com a terra. Esperava me retratar enquanto extensão desse ambiente e como parte desse processo, comecei a escavar um buraco no chão, com o auxílio de uma pedra que encontrei no local. A ideia era justamente utilizar as ferramentas e possibilidades que a própria natureza que me oferecia nessa interação.

Abri um buraco que aos poucos ganhava a forma da minha cabeça e nesse momento, pensei nas maneiras de atrelar meu corpo a terra, visto que, ao decidir pelo local não tinha uma ideia precisa de como isso aconteceria. Enquanto minha equipe² registrava as imagens buscando ângulos que daria a dimensão estética desejada, eu me concentrava na ação performática que começava antes mesmo de me desnudar e pôr a cabeça sobre o chão.

O ato de me despir e colocar minha cabeça naquele espaço, me trazia a sensação de que tanto meu corpo quanto a terra, se adequavam mutuamente uma a outra. Ao iniciar minha performance escavando a terra com as próprias mãos, me sentia preparada e convidada a me despir das roupas e valores que anteriormente me aprisionavam.

A terra me engolia em um gesto de vida e morte, acredito que seja a máxima tradução. De fato, preciso esclarecer que me sinto desconfortável em descrever minhas sensações, pois, me parecem delimitar determinados caminhos de interpretação e ocultar outros, qualidade que a arte me parece manter transponível.

Por outro lado, a escrita me pareceu importante no ato de repensar e organizar o processo e me levou a ter consciência de dimensões mal compreendidas daqueles instantes. A isto, me refiro as sensações imediatas de efeito. A posição em que me retrato nas fotos, se deve ao fato de que me despertou um desejo de adentrar aquele espaço e fazer parte de sua própria existência, por outro lado, me aludiu o corpo feminino enquanto construído, tão qual o buraco que eu mesma escavava.

A terra e o corpo em uma entranhável conexão, quer dizer, a mulher e a terra são elementos que constituem significados comuns e contraditórios, uma vez que ao feminino se associam valores de fecundidade e sagrado por exemplo, e ao mesmo tempo, uma naturalização, discursos que podemos falar que justificam a cultura da violação, exploração e objetificação do

² Marcus Vinicius Tarquini Ferreira fez as fotos e testava os ângulos. Nessa fotoperformance registrava o processo em que a Livia Gomes Moreira me ajudava a definir o lugar e a escavar o buraco no chão.

feminino. Questões essas me remeteram a racionalização do poder sobre a sexualidade, pois, qual o efeito do poder ao definir o sexo e por consequência o uso do corpo e os valores atribuídos a ele, se não a construção de verdades que legitimam ditas contradições?



Fotografia 10- Entre nós I



Fotografia 11- Entre nós II



Fotografia 12: Entre nós III



Figura 13: Entre Nós IV



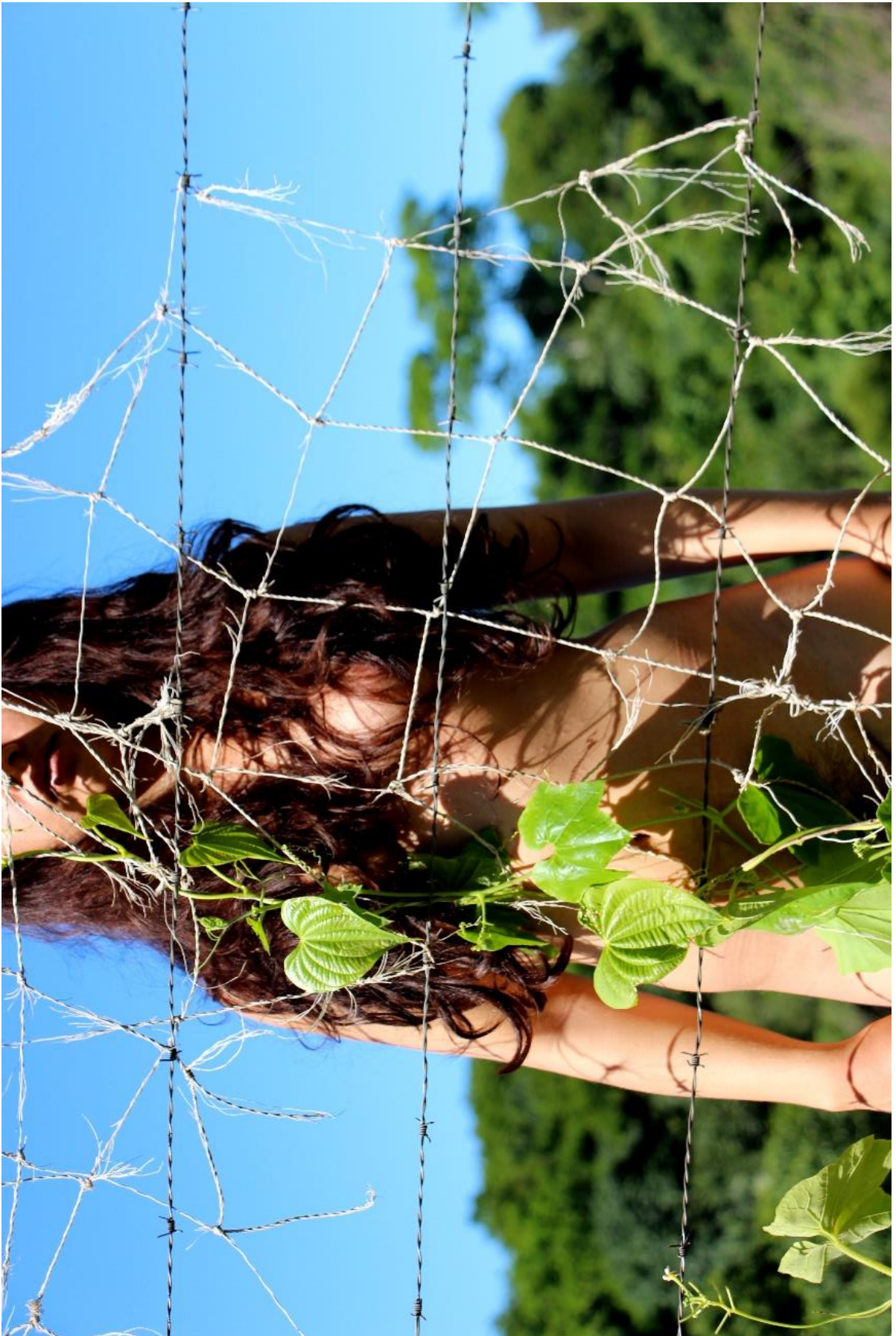
Fotografia 14: Entre nós V



Fotografia 15: Entre nós VI



Fotografia 16: Entre nós VII



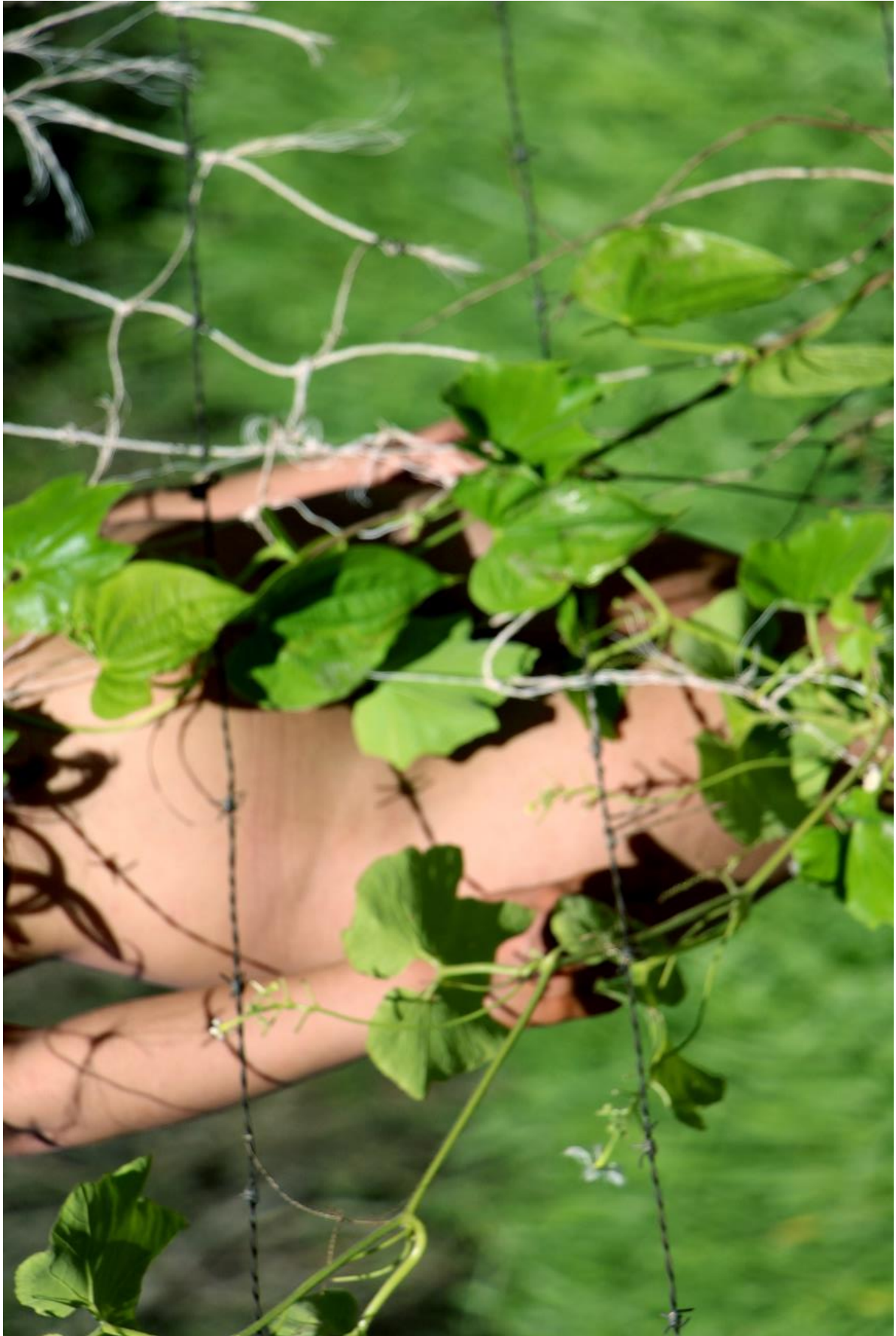
Fotografia 17: Entre nós VIII



Fotografía 18: Entre nós IX



Fotografia 19: Entre nós X



Fotografía 20: Entre nós XI

1.3. Entre nós

Nessa série de fotografias que seguiu o processo, exploro de forma mais acentuada, os elementos em contraste no próprio ambiente, isto é, a representação de uma paisagem que nos interpelam a ver contradições próprias do discurso. A cada performance que era registrada me despertava um desejo cada vez maior de explorar os lugares em seus detalhes que antes escapavam de minha percepção, mesmo que, naquele momento não fosse entendível todos os sentidos que estou atribuindo a eles agora.

Algumas fotografias dessa série, no entanto, despertaram com mais intensidade a relação ambígua entre a vida e a morte que eu pretendia explorar. Especialmente as que me deito entre as folhas secas. O cheiro de algo em decomposição, neste ponto, tornou-se decisivo para me retratar nesse lugar, pois, mesmo que não entendendo de imediato a dimensão representativa para as imagens, me levou a compreender a importância dos sentidos como parte constitutiva e simbólica do discurso.

Essa paisagem cria um jogo discursivo em que elementos se combinam e atravessam, como um emaranhado de fios, me levando as fotografias do *fio ao concreto* e as contradições entre os sentidos opostos e complementares que esses ambientes representam, pois, de um lado temos o aprisionamento do quarto e de outro a liberdade da natureza.

A estética gerada a partir das ações performáticas e na articulação dessa linguagem com a fotografia, resultam também, em interessantes aspectos que inferem a Fotoperformance no meu processo, pois, permitem explorar as possibilidades de conexão entre elementos de ordem distintas, mas que entrecruzam ao constituir relações próprias de seu campo de significação.

Dessa forma, o processo criativo que se vai esboçando, contrasta múltiplos discursos como a natureza verde e a natureza morta, os fios emaranhados ao arame e meu corpo, dentre outros elementos em relação, como os da ordem dos sentidos, o cheiro, a dor, medo, constituíram aspectos substanciais na condução das escolhas durante o processo de criação.



Fotografia. 21: Concorformação I



Fotografia 22: Corpoformação II



Fotografia 23: Corpoformação III



Fotografia 24: Corpoformação IV



Fotografia.25: Corpoformação V



Fotografia. 26: Corpoformação VI

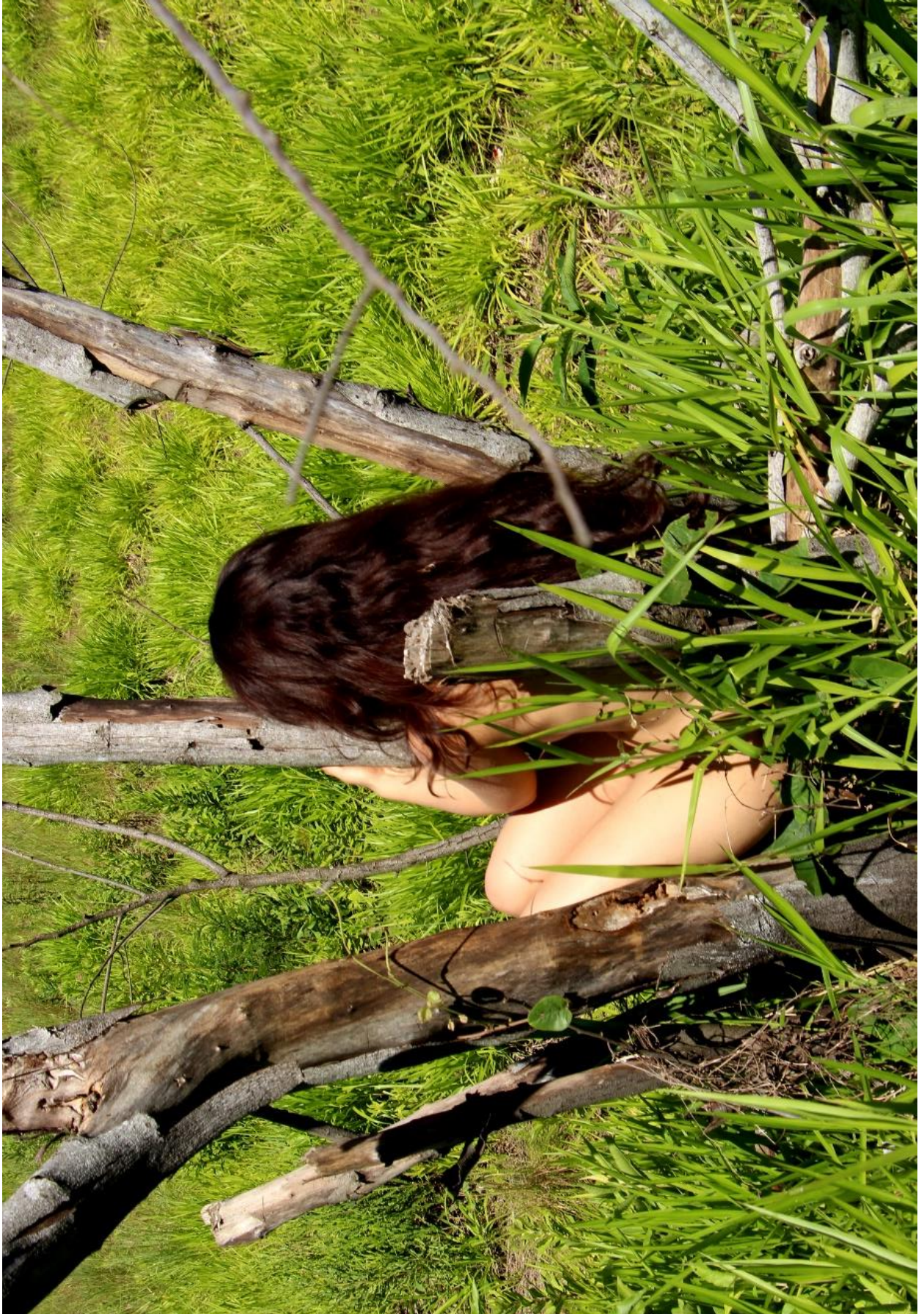
1.4. Corpoformação

A conexão que eu estabelecia com a natureza me levou a buscar outras formas de interagir com os espaços, pois, na série *Corpoformação*, eu procurava buscar formas de refletir mais intensamente a relação do meu corpo como extensão desses espaços.

Neste sentido, procurava entre os arredores da Universidade outras possibilidades de diálogo. As primeiras fotos dessa série, se deu pelo fato de que me senti acolhida por um espaço que se encaixava em meu corpo com uma espécie de útero materno. Pedi para os amigos um tempo para refletir sobre aquele espaço, pois, de uma forma muito direta se dava a relação entre natureza e o feminino que sucessivamente me lembravam as fotografias que intitulei a *A terra e o espaço em construção*.

As próximas fotos, foram bem ao lado onde encontrei um amontoado de pedras brita, acredito inclusive, que o formato esculpido provavelmente pelas ações da própria natureza, anteriormente eram também um amontoado de pedras. Pedi para meus parceiros que cobrissem meu corpo e também meu rosto. Aquelas pedras criadas artificialmente pelas mãos dos homens eram jogadas sobre meu corpo desnudado também construído.

Em um ato simbólico se misturavam sentimentos de dor e cuidado que meus amigos tinham em colocar sobre meu corpo e meu rosto aquelas pedras. Permaneci até que não pudesse mais suportar a falta de oxigênio e as pedras apertando meu corpo. Essas fotos me causaram uma sensação intensa de sentimentos que até o momento ainda tenho os recursos necessários para descrever. No entanto, as impressões que me levaram a fotografar, parte da construção da natureza e do feminino sob as mesmas as construções de sentido e categorias.



Fotografia. 27: Contemplação I



Fotografia 28: Contemplação II



Fotografia 29: Contemplação III



Fotografia 30- Contemplação IV

2. Considerações finais:

Questões que me levaram para a linguagem da Fotoperformance, partiram da necessidade de me encontrar como sujeito em relação a sociedade e entender suas implicações na construção do corpo feminino. Me parece importante mencionar que o processo de criação é um espaço contínuo de ressignificação, que não se pode facilmente, descrever ou obter resultados definitivos. Neste sentido, pretendo dar continuidade ao processo iniciado no esboço desse memorial descritivo.

A Fotoperformance possibilitou compreender de que forma articulam as práticas e discursos na construção do feminino. Acredito que o resultado do meu processo fez o movimento que dialoga com os teóricos no que concerne a macroestrutura, ou seja, a sociedade para a microestrutura, para minha vida no exercício de refletir e desnaturalizar tais paradigmas a partir do meu corpo.

A criação artística da performance em uma espécie de relação antológica com a fotografia, me permitiu fazer o movimento, que não só possibilitou me ver através do outro, como ser eu mesma o instrumento de mediação entre os múltiplos discursos que se inter-relacionam. Nesse sentido, percebo como efeito desse processo, o deslocamento da relação corpo/ objeto para um corpo crítico, que reivindica o seu próprio espaço no interior desses discursos. Tais impressões sobre a Fotoperformance, portanto, constituiu o processo que cinge o campo simbólico entre minha individualidade e o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHIODETTO, Eder. **Geração 00: a nova fotografia brasileira**. São Paulo: Edições Sesc, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de M. T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**, Tradução de M. T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.
- LEMOS, Flávia Cristina Silveira; SANTOS, Igor do Carmo; BRÍCIO, Vilma Nonato de; LIMA, Maria Lúcia Chaves. **Contribuições do volume I do livro História da Sexualidade para as Ciências Sociais**. In: 40º Encontro anual da Ancops, 2016, Caxambu. Anais... Caxambu: Hotel Glória, 2016.
- KOSSOY, Boris. **Realidade e ficção na trama fotográfica**. 4ª ed. São Paulo – Brasil: Ateliê Editorial, 2009.
- MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **8 x fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NEVES, Maria E. D. 2011. "**O auto-retrato na fotografia contemporânea. Que resta do sujeito, tecnicamente falando?**", Revista Espacio, Tiempo y Forma - Historia del Arte, 24: 375 - 384.
- VINHOSA, Luciano. **Fotoperformance – passos titubeantes de uma linguagem em emancipação**. In: 23º Encontro da ANPAP – “Ecossistemas Artísticos”. 2014. Belo Horizonte: UFMG.
- SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec / Editora Senac São Paulo, 2005.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; NOGUEIRA, Thyago (Org.). **Contos e ensaios a partir de imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.